

O toque de um highlander

Karen Marie Moning

Highlander 3

Eu sou esse vagabundo alegre da noite
Brinco com o Oberon e o faço sorrir...
Sonho de uma Noite do Verão - William Shakespeare

PRÓLOGO

Highlands de Escócia
Castelo Brodie—1308

Adam Black se materializou no grande hall.

Silenciosamente, observou ao alto guerreiro que descansava ante o fogo.

Circenn Brodie, laird e thane do Brodie, exsudava o magnetismo de um homem nascido não simplesmente para existir no mundo, a não ser para conquistá-lo. O poder nunca foi tão sedutor, pensou Adam, exceto, possivelmente, em mim.

O objeto de seu estudo se voltou do fogo, arrepiado pela presença silenciosa do Adam.

-O que quer?- disse Circenn.

Adam não se surpreendeu por seu tom. Ele tinha aprendido a não esperar cortesia desse laird das Highlands em particular desde fazia tempo. Adam Black, o mortífero brincalhão na corte da Rainha das Fadas, era uma irritação que Circenn sofria a contra gosto. Dando um chute a uma cadeira perto do fogo, Adam foi atrás dela e descansou seus braços em cima do respaldo.

-Essa é a maneira de me saudar depois de meses de ausência?

-Sabe que me incomoda quando aparece sem advertência. E a respeito de sua ausência, estava saboreando minha boa fortuna-. Circenn se voltou para o fogo.

-Sentiria saudades se me tivesse partido muito tempo -assegurou Adam e estudou seu perfil. O pecador que ele olhava era uma besta poderosa, embora se comportasse com ele com esse decoro, pensou Adam. Se Circenn Brodie queria parecer-se com um selvagem guerreiro picto, então pela Dagda que deveria atuar como um.

-Da mesma maneira que eu poderia sentir saudades um buraco em meu escudo, um javali em minha cama, ou um fogo em meus estábulos- disse Circenn-. Te volte em sua cadeira e sente-se apropriadamente, como uma pessoa normal.

-Ah, mas eu não sou apropriado nenhuma pessoa normal, assim não espere que me atenga a seus requisitos. Estremeço-me só de pensar o que faria sem todas suas regras de uma 'existência normal', Circenn.

Quando Circenn se enrijeceu, Adam sorriu abertamente e estendeu uma mão elegante a uma faxineira que se deteve nas sombras do perímetro do grande hall. Ele jogou sua cabeça para trás, lançando seu cabelo de escura seda em cima de seu ombro.

-Vêem.

A faxineira se aproximou, lançando olhadas ao Circenn e Adam, como se não pudesse decidir que homem propunha a maior ameaça. Ou o maior atrativo.

-Posso servi-los, milords?- disse ela ofegando.

-Não, Gillendria- Circenn a despediu-. Fora de te acompanhar até a cama; é bem passada a hora dos duendes- dirigiu um olhar escuro ao Adam- e meu convidado não tem necessidades que eu possa satisfazer.

-Sim, Gillendria- ronronou Adam-. Há muitas maneiras em que pode me servir esta noite. E terei o prazer de te ensinar todas elas. Vá a seu quarto enquanto temos um bate-papo de homens. Eu me unirei ali contigo.

Os olhos da jovem faxineira se alargaram quando ela se apurou a obedecê-lo.

-Deixa a minhas faxineiras em paz -pediu Circenn.

-Não as deixarei grávidas-. Adam lhe dedicou sua careta mais insolente.

-Essa não é minha preocupação; é o fato de que se voltam mais estúpidas uma vez que terminaste com elas.

-Estúpidas? Quem era esta noite o estúpido?

Circenn se esticou mas não disse nada.

-Onde estão as santas relíquias, Circenn?- um brilho de diversão se acendeu nos olhos remotos do Adam.

Circenn lhe voltou as costas totalmente ao homem-fada.

-Protege-as para nós, ou não o faz? -perguntou Adam-. Não me diga que as perdeu? -repreendeu-o quando Circenn não respondeu.

Circenn se voltou para enfrentá-lo, as pernas abertas, a cabeça erguida, os braços cruzados; sua posição usual quando estava sordamente furioso.

-por que perde meu tempo e o teu me fazendo perguntas quando já sabe as respostas?

Adam se encolheu de ombros elegantemente.

-Porque os que escutam detrás das portas serão incapazes de seguir esta esplêndida saga se nós não falarmos em alto dela.

-Ninguém escuta detrás das portas em meu castelo.

-Tinha-o esquecido- ronronou Adam-; ninguém se comporta mal no Castelo Brodie. No sempre limpo, no sempre disciplinado, o perfeito Castelo Brodie. Aborrece-me, Circenn. Esta comparação de restrições que pretende ser é um desperdício da grandiosa semente que te criou.

-Deixemos esta conversação, está bem?

Adam cruzou os braços pela parte de atrás da cadeira.

-Está bem. O que passou esta noite? Os Templários foram encontrar te no Ballyhock. Eles foram confiar as santas relíquias a seu cuidado. Ouvi que foram emboscados.

-Ouviu corretamente- respondeu Circenn sinceramente.

-Entende quão importante é que os Templários façam seu santuário em Escócia, agora que eles se não dissolvido?

-É obvio que o entendo- grunhiu Circenn.

-E quão indispensável é que as santas relíquias não caiam em más mãos?

Circenn desdenhou a pergunta do Adam com uma mão impaciente.

-As quatro relíquias estão seguras. No momento que nós suspeitamos que os Templários foram estar sob sítio, a lança, o caldeirão, a espada e a pedra rapidamente foram devolvidos a Escócia, apesar de que a guerra segue. Eles descansam melhor em um campo arrasado que com os Templários perseguidos, cuja Ordem está desmembrando-se. As santas relíquias estão seguras.

-Exceto pela garrafa, Circenn- disse Adam-. O que foi dela? Onde está?

-A garrafa não é uma relíquia- replicou Circenn.

-Sei- disse Adam secamente-, mas a garrafa é uma sagrada relíquia de nossa raça, e podemos estar em perigo se cair em más mãos. Repito, onde está a garrafa?

Circenn afundou uma mão em seu cabelo e o retirou de sua face. Adam foi golpeado pela majestade sensual do homem. O sedoso cabelo negro se enredou entre os dedos elegantes e revelou uma face composta de planos fortes, uma mandíbula cinzelada, e as sobrancelhas escuras. Tinha a pele azeitonada, os intensos olhos e o agressivo, dominante temperamento de seus antepassados Brude.

-Não sei- disse Circenn finalmente.

-Não sabe? -Adam imitou seu acento irlandês, consciente de que semelhante admissão devia ter tido um sujo sabor na língua do Circenn Brodie. Nada estava fora do controle do laird do Brodie: regras e mais regra governavam tudo e a todos no mundo do Circenn-. Uma garrafa que contém um sagrado elixir criado por minha raça, desaparece de sua vista e não sabe onde está?

-A situação não é tão horrível, Adam. Não está permanentemente perdida. Pensa nela como... temporalmente trocada de sítio, e pronta a ser recuperada.

Adam arqueou uma sobrancelha.

-Você te corta o cabelo com uma tocha de batalha. Os hábeis jogos de palavras são as artes de uma mulher, Brodie. O que aconteceu?

-Ian estava levando o cofre que guardava a garrafa. Quando o ataque chegou, eu estava no lado sul da ponte, esperando ao Ian para atravessá-lo pelo norte. Ele recebeu um golpe na cabeça e caiu da ponte, no rio de abaixo. O cofre foi miserável longe pela corrente.

-E diz que isso não é tão terrível? Qualquer poderia o ter agora. Você gostaria de ver o rei inglês pôr suas mãos nessa garrafa? Entende o perigo que representa?

-É obvio que o faço. Não chegaremos a isso, Adam- disse Circenn-. Impus um gs sobre a garrafa. Não cairá em outras mãos, porque no momento em que seja descoberta voltará para mim.

-Um gs?- Adam soprou-. Magia débil. Uma fada medianamente decente simplesmente a teria encantado de novo para tirá-la fora do rio.

-Eu não sou nenhuma fada. Eu sou um Brude escocês e orgulhoso de sê-lo. te considere afortunado de que não os amaldiçoara a todos. Sabe que não tenho afeição pela magia druida. As maldições são imprevisíveis.

-Que sábia invocação escolheu, Circenn?- perguntou Adam sedosamente-. Escolheu bem suas palavras, ou não o fez?

-É obvio que o fiz. Pensa que não aprendi nada dos enganos do passado? No momento no que o cofre se abra e a garrafa seja tocada por uma mão humana, voltará para mim. Eu a enfeitei muito especificamente.

-Especificou se somente viria a garrafa?- perguntou Adam com súbita diversão.

-O que?- Circenn o considerou inexpresivamente.

-A garrafa. Considerou que o mortal que a tocasse poderia transportar-se com a garrafa, se usou um feitiço de ligamento?

Circenn fechou seus olhos e esfregou sua frente.

-Usou um feitiço de ligamento- Adam suspirou.

-Usei um feitiço de ligamento- admitiu Circenn-. Era o único que sabia- adicionou defensivamente.

-E de quem é a culpa? Quantas vezes te negaste à honra de te treinar com minha gente? E a resposta é sim, Circenn, o homem será gasto pelo feitiço de ligamento. Ambos, homem e garrafa, virão para ti.

Circenn grunhiu sua frustração.

-O que fará com este homem quando chegar?- espetou Adam.

-Apanhá-lo; então o devolverei a sua casa a toda pressa.

-Matará-o.

-Sabia que diria isso. Adam, ele nem sequer pode entender o que é. O que, se um homem inocente encontrar um cofre molhado em alguma parte do leito do rio?

-Matará ao homem inocente, então- disse Adam simplesmente.

-Não farei tal coisa.

Adam se ergueu com a segurança elegante de uma serpente que se desenrola para ferir de morte. Cruzou o espaço entre eles e se deteve uma polegada do Circenn.

-Mas o fará -disse brandamente-, porque o enfeitiçou sem refletir o suficiente sobre o resultado, alocadamente. Quem quer venha com a garrafa chegará em meio de um santuário do Templários. Sua maldição o trará, inocente ou não, a um lugar onde nenhum de seus guerreiros fugitivos pode ser visto. Pensa que simplesmente pode enviá-lo longe com um tudo-está-bem e nunca-hables-de-estou, estranho? E um adeus, por favor não mencione que os Templários perdidos se encontram dentro de minhas paredes, e não te tente pelo preço em suas cabeças?-. Adam fez rodar seus olhos-. Assim que o matará, porque comprometeu sua vida ao pôr ao Robert Bruce firmemente no trono, e para não tomar nenhum risco desnecessário.

-Eu não matarei a um homem inocente.

-Faz-o você ou o faço eu. E sabe que tenho o hábito de jogar com minha presa.

-Torturaria a um homem inocente até a morte- não era uma pergunta.

-Ah, entende-me. Suas opções são simples: ou o faz você, ou o faço eu. Escolhe.

Circenn escrutinou os olhos do homem-fada. Não procure compaixão, porque não a tenho, era a mensagem que leu ali. depois de um prolongado momento, Circenn inclinou sua cabeça.

-Eu cuidarei do portador da garrafa.

-Matará ao portador da garrafa- Adam insistiu-. Ou o farei eu.

A voz do Circenn era plaina e furiosa.

-Matarei ao homem que traz a garrafa. Mas se fará a minha maneira. Sem dor e rapidamente, e você não interferirá.

-Bom, é o bastante-. Adam deu um passo para trás-. Jura-o sobre minha raça. Jura-o pelo Tuatha do Danaan.

-Com uma condição. Em troca do voto que eu te darei agora, você não cruzará minha porta de novo sem convite, Adam Black.

-Está seguro de que isso é o que quer?- os lábios do Adam se emagreceram com desgosto. Circenn se havia descruzado de braços, em uma posição furiosa. Semelhante a um guerreiro glorioso, a um anjo escuro. Poderia ser meu aliado mais poderoso.

-Isso é o que quero.

Adam inclinou sua cabeça escura; um sorriso zombador jogava nas comissuras de seus lábios.

-Será como quer, Brodie, filho dos reis do Brude. Agora jura-o.

Para salvar a um homem de uma morte dolorosa à mãos da fada, Circenn Brodie fincou seus joelhos e jurou pela raça mais velha em Escócia, o Tuatha do Danaan, que ele honraria seu voto de matar ao homem que chegasse com a garrafa. Então suspirou com alívio quando Adam Black, o pecador do siriche, o duende mais negro, desapareceu, para nunca obscurecer a porta do Circenn de novo, porque Circenn certamente não estenderia um convite, mesmo que vivesse mil anos.

CAINDO

de cima abaixo, de cima abaixo,

Levarei-os de cima abaixo

Temo-me que pelo campo e o povo

O duende os levará de cima abaixo.

Sonho de uma Noite do Verão - William Shakespeare

CAPÍTULO 1

No Presente Dia

-Né! Olhe por onde vai!- gritou Lisa quando o Mercedes assobiou rodeando um táxi ocioso e passou perigosamente perto do meio-fio onde ela estava de pé, salpicando com gotas de água suja as pernas das calças de suas calças jeans.

-Bom, saia da rua você, idiota!- gritou o condutor do Mercedes em seu telefone celular. Lisa estava o bastante perto para ouvir que ele dizia no telefone-; não, não lhe dizia isso a ti. O dizia a uma vagabunda. Qualquer pensaria que com tudo o que pagamos em impostos... - Sua voz se apagou enquanto se afastava.

-Eu não estava na rua!- gritou Lisa detrás dele e baixando sua boina do beisebol sobre sua cabeça. Então suas palavras penetraram em sua mente. Vagabunda? Santo Deus, isso é o que pareço? Jogou um olhar a suas velhas calças jeans, com as pregas estragadas e puídos. Sua camiseta branca, embora podada, estava suave e desgastada por centenas de lavagens. Possivelmente seu impermeável tinha visto dias melhores, uns anos antes de que ela o comprasse de segunda mão no Sadie's, mas era durável e a mantinha seca. Sua bota tinha um buraco, mas ele não poderia havê-lo visto já que estava na planta do pé. Os frios atoleiros da recente chuva penetravam em sua bota e empapavam sua meia três-quartos. Retorceu os dedos dos pés, incômoda, e fez uma nota mental de novo sobre pôr um emplastro em sua bota. Mas seriamente parecia uma vagabunda? Estava escrupulosamente podada, ou pelo menos o tinha estado antes de que ele passasse zumbindo e a salpicasse.

-Não parece uma vagabunda, Lisa- a voz indignada do Ruby interrompeu seus pensamentos-. Ele é um asno pomposo que pensa que qualquer que não dirija um Mercedes não merece viver.

Lisa dedicou ao Ruby um sorriso agradecido. Ruby era a melhor amiga da Lisa. Todas as tardes conversavam enquanto esperavam juntas o ônibus rápido à cidade, onde Lisa ia a seu trabalho de limpeza e Ruby cantava em um clube noturno do centro.

Lisa olhou o traje do Ruby atentamente. Sob uma impermeável cor cinza pomba de linhas clássicas, levava um estuendo vestido negro adornado com um fio de pérolas. Brilhantes, os sexys sapatos ensinavam as unhas dos pés feitas por uma manicura francesa; sapatos que alimentariam a Lisa e sua mãe durante um mês. Nenhum homem vivo permitiria a seu automóvel salpicar ao Ruby Lanoue. Uma vez, Lisa se poderia haver-se parecido a ela também. Mas não agora, quando estava tão profundamente afundada pelas dívidas que não sabia como sair.

-E eu sei que ele não jogou nenhuma olhar a sua face-. Ruby enrugou seu nariz, irritada com o condutor que já se foi-. Se o tivesse feito, certamente se teria detido e se teria desculpado.

-Porque pareço muito deprimida? -perguntou Lisa ironicamente.

-Porque é muito bonita, carinho.

-Sim, claro- disse Lisa, e se havia um rastro de amargura, Ruby o ignorou diplomáticamente.-Não importa. Não estou tentando impressionar a ninguém.

-Mas poderia. Não tem nem a menor ideia de como te vê, Lisa. Ele deve ser gay. Essa é a única razão pela que um homem poderia ignorar a uma mulher tão chamativa como você.

Lisa sorriu fracamente.

-Alguma vez te dá por vencida, verdade, Ruby?

-Lisa, é bonita. Permite sair à boneca que há em ti e presume-a. te tire essa boina e libera seu cabelo. por que pensa que Deus te deu um cabelo tão magnífico?

-Eu gosto de minha boina-. Lisa atirou protectoramente de sua velha boina dos Cincinnati Redes, como se temesse que Ruby pudesse tirar-lhe Papai a comprou para mim.

Ruby se mordeu o lábio, vacilante, e então se encolheu de ombros.

-Não pode te esconder para sempre baixo esse chapéu. Sabe quanto me preocupo com ti, e sim -ela desdenhou o protesto da Lisa antes de que tivesse alcançado seus lábios-, sei que sua mãe está morrendo, mas isso não significa que também o você faça, Lisa. Não pode permitir que isso te derrote.

A expressão da Lisa se fechou.

-O que cantará para abrir seu número esta noite, Ruby?

-Não tente trocar de tema. Não permitirei que perca o interesse na vida -disse Ruby brandamente.- Lisa, há tanto diante de ti. Sobreviverá a isto, prometo-o.

Lisa apartou seu olhar.

-Mas, quererei fazê-lo?- murmurou, jogando a um lado suas dúvidas. A sua mãe, Catherine, lhe tinha diagnosticado fazia uns meses um câncer. O diagnóstico tinha chegado muito tarde, e agora pouco podia fazer-se com a exceção de fazer seus últimos dias tão cômodos como fora possível. Seis meses, possivelmente um ano, que os doutores tinham diagnosticado cautamente: poderíamos provar procedimentos experimentais, mas... A mensagem estava clara: Catherine morreria, entretanto.

Sua mãe se negou, com firme determinação, a ser o branco de procedimentos experimentais. Passar os últimos meses de sua vida em um hospital não era o que Lisa ou Catherine tivessem querido para o final. Lisa as tinha arrumado para cuidar sua saúde em casa, e agora o dinheiro que sempre tinha sido escasso para elas era ainda mais escasso.

Do acidente de automóvel que tinha deixado inválida a sua mãe e matado a seu pai, cinco anos atrás, Lisa tinha estado trabalhando em dois empregos. Sua vida tinha trocado drasticamente da noite da morte de seu pai. Aos dezoito, ela tinha sido a filha mimada de pais enriquecidos e tinha vivido na elite do Cincinnati, em uma comunidade privada, com um futuro brilhante, seguro, frente a ela. Vinte e quatro horas depois, a noite de sua graduação, sua vida se tornou um pesadelo em que não tinha havido nenhum despertar. Em lugar de ir à universidade, Lisa tinha tido que trabalhar como garçone, para poder depois tomar um emprego noturno. Sabia que depois de que sua mãe se foi, ela continuaria trabalhando nos dois empregos e tentaria pagar as astronômicas faturas médicas que tinham ido aumentando.

Fez uma careta de dor e evocou as recentes instruções de sua mãe para ser incinerada, porque era menos caro que um funeral. Se seguia pensando muito tempo nesse comentário, poderia adoecer-se ali mesmo, na parada do ônibus. Ela entendia que sua mãe estava tentando ser prática, procurando minimizar gastos para que Lisa tivesse alguma pequena oportunidade na vida quando ela se foi, mas francamente, a perspectiva de uma vida solitária, sem sua mãe, não tinha o menor atrativo para ela.

Essa semana Catherine havia feito um giro irrevogável para pior, e Lisa se deu de bruces com o fato ineludible de que não podia fazer nada para aliviar a dor de sua mãe. Só se deteria com a morte.

A gama de emoções que experimentava ultimamente a desconcertava. Alguns dias, sentia uma irritação em geral com o mundo; outros dias, teria devotado sua alma em troca da saúde de sua mãe. Mas os piores dias eram aqueles quando sentia uma pontada de ressentimento sob toda sua dor. Esses dias eram os piores porque com o ressentimento, uma carga lhe esmaguem de culpa a fazia consciente de quão ingrata era. Muitas pessoas não tinham tido a oportunidade para amar a suas mães todo o tempo que ela tinha tido com a sua. Algumas pessoas tinham muitíssimo menos que Lisa: pelo menos, através da Lisa, Catherine seria recordada.

Quando abordaram o ônibus, Ruby se deixou cair no assento junto à Lisa e manteve um manancial de luminoso bate-papo destinado a levantar seus espíritos. Não funcionou. Lisa tentou lhe seguir a corrente, tratando de não pensar em seus problemas, especialmente no depois. No momento a pena que sentia era suficiente.

Como chegamos a isto? Deus, o que passou com minha vida? perguntou-se, dando uma massagem a suas têmporas. Mais à frente do vidro e as folhas de aço do expresso ao centro do Cincinnati, a geada chuva de março começou a cair de novo sobre as uniformize folhas cinzas.

Lisa respirou profundamente quando entrou em museu. Em seu silêncio de ultratumba, ela sentia um casulo de paz instalar-se a seu redor. Os painéis de vidro exibiam cofres que se refletiam nos chãos polidos até a perfeição e refratavam a tênue luz das espaçadas abajures das paredes. Fez uma pausa para limpar suas úmidas botas cuidadosamente na esteira antes de internar-se em seu santuário. Nenhum passo empapado danificaria esses chãos benditos.

A mente da Lisa havia sentido uma fome de estímulos desde seu último dia de escola secundária, fazia cinco anos, e imaginava que o museu lhe falava e sussurrava seductoramente de coisas que nunca experimentaria: climas luxuriosos, exóticos, mistério, aventura. Esperava com ânsia ir trabalhar cada noite, apesar de ter acontecido um dia exaustivo nas mesas enquanto aguardava os pedidos. Amava os tetos abovedados com seus mosaicos brilhantemente pintados que descreviam sagas famosas. Poderia descrever com vívidos detalhes os matizes mais diminutos das últimas aquisições. Poderia recitar os pôsteres de cor: cada batalha, cada conquista, cada herói ou heroína de vida grandiosa.

Quando suas botas estiveram secas, Lisa pendurou seu impermeável na porta e andou rapidamente além das exposições introduções, dando-se pressa para a asa medieval. Acariciou com os dedos a placa da entrada, riscando os contornos das letras douradas:

PERMITE À HISTÓRIA SER SUA PORTA MÁGICA AO PASSADO; EXCITANTES NOVOS MUNDOS LHE ESPERAM.

Um sorriso torcido curvou seus lábios. Ela poderia usar uma porta mágica a um novo mundo: um mundo no que ela teria podido assistir à universidade, como todos seus amigos da secundária, que tinham deslocado precipitadamente com novas bagagens para novos amigos, deixando atrás, no pó, as esperanças e sonhos quebrados. Universidade? Vamos! Festas, amigos? Por favor! Pais que viveriam para vê-la crescer, possivelmente casar-se? Acordada!

Ela jogou um olhar a seu relógio e enterrou sua miséria em um estalo de atividade. Trabalhando rapidamente, varreu e passou pano no chão a asa até que esteve poda. Desempoeirar as exposições era um prazer que ela saboreava, passando suas mãos em cima dos tesouros como certamente nenhum guarda diurno teria permitido. Como era seu costume, deixou o escritório do Diretor Steinmann para o último. Não só era o mais escrupuloso com a limpeza, mas também tinha freqüentemente novas aquisições interessantes em seu escritório, esperando a ser catalogadas para poder exibir-se. Ela podia estar-se horas vagando no museu silencioso e podia estudar as armas, as armaduras, as lendas e batalhas, mas Steinmann tinha uma política estrita para que deixasse o museu antes das cinco da manhã.

Lisa rodou seus olhos quando devolveu os livros a suas fendas nas prateleiras da biblioteca de mogno que se alinhavam em seu escritório. Steinmann era um homem pomposo e condescendente. Quando tinha concluído sua entrevista, ela se tinha levantado e lhe tinha devotado a mão, e Steinmann a tinha cuidadoso fixamente, com aborrecimento. Então, com seu tom impregnado de desgosto, tinha-lhe informado que a única evidência que queria de sua presença noturna era ver os escritórios imaculadamente limpa. Tinha contínuo para lhe recordar que as cinco eram seu toque de silêncio tão vigorosamente, que ela se havia sentido como Cinzenta; e certamente Steinmann a converteria em algo pior que uma cabaça se não deixava o museu a tempo.

Apesar de seu trato rude, havia-se sentido exaltada por ter conseguido o trabalho, assim tinha permitido a sua mãe convencer a de sair com o Ruby para um jantar tardio de aniversário. Recordando esse fiasco, Lisa fechou os olhos e suspirou. depois do jantar, Lisa tinha esperado na barra por mudança para que ela e Ruby pudessem jogar um partido de pool. Um homem bonito, bem vestido, lhe tinha aproximado. Tinha paquerado com ela e Lisa se havia sentido especial por uns momentos. Quando ele tinha perguntado o que fazia para viver, ela tinha respondido, orgulhosamente, que trabalhava em um museu. Ele a tinha pressionado e tinha contínuo perguntando: Diretora? Vendas? Guia de turismo?

Faxineira noturna, lhe havia dito. E durante o dia, garçõete no First Watch.

Ele tinha apresentado um momento depois suas desculpas e se partiu. Um rubor de humilhação tinha manchado suas bochechas quando esperava na barra pelo Ruby para que a resgatasse.

Recordando o desprezo, Lisa esmurrou seu trapo de limpar o pó em cima das prateleiras e deu um golpecitos zangados pelo grande globo terrestre na esquina do escritório, consciente de que o incidente ainda a incomodava. Não tinha nada por que estar envergonhada; era uma pessoa responsável, dedicada, e não era tola. Sua vida tinha sido destroçada pelas responsabilidades que se impuseram, e na análise final, sentia que tinha dirigido coisas bastante bem.

Eventualmente, sua irritação foi apagando-se por uma onda do sempre presente esgotamento que seguia a seu estalo de energia nervosa. Deixando cair em uma cadeira frente ao escritório do Steinmann, acariciou o suave couro gorduroso e se relaxou nele. Notou um cofre de aparência exótica na esquina do escritório do Steinmann. Não o tinha visto antes. Era aproximadamente de dois pés e dez polegadas de largura. Formado de ébano africano, dando brilho a um brilho profundo, borde-os estavam esculpido com um trabalho exquisitamente detalhado. Era obviamente uma nova aquisição. Contrariamente à vigilância de costume do Steinmann, não o tinha fechado com chave no painel de vidro onde guardava os novos tesouros que ainda deviam ser catalogados.

por que deixaria ele semelhante relíquia sobre seu escritório? perguntou-se Lisa fechando os olhos: só descansaria um minuto ou dois. Quando o fez, conduziu-se a si mesmo a um momento de fantasia: ela era uma mulher financeiramente independente com uma casa bonita, e sua mãe estava sã. Tinha encantadores móveis esculpido à mão e cadeiras confortáveis. Possivelmente um noivo...

Imaginando o lugar perfeito para o encantador cofre de ébano em sua casa de sonho, Lisa flutuou para o descanso.

-Deveria me haver chamado do momento em que chegou- repreendeu o professor Taylor.

Steinmann introduziu ao professor além das vitrines de exibição para seu escritório.

-Chegou ontem, Taylor. Enviaram-nos isso imediatamente da escavação. O homem que o desenterrou se negou a tocá-lo, não estava disposto a tirá-la nem sequer da terra-. Steinmann fez uma pausa-. Havia uma maldição gravada na tampa do cofre. Embora esteja em gaélico antigo, entendia bastante do idioma para compreender seu significado. Trouxe você as luvas?

Taylor assentiu com a cabeça.

-E pinzas para dirigir o conteúdo. Não o tem aberto você?

-Não pude encontrar o mecanismo que solta a tampa- disse Steinmann secamente-. Inicialmente, não estava seguro de poder abri-la. Parece estar formado de uma só peça de madeira.

-Nós acostumamos dirigir tudo com as pinzas, até que o laboratório tenha a oportunidade de examiná-lo. Onde disse você que foi encontrado?

-Enterrado perto de uma ribeira nas Highlands de Escócia. O granjeiro que o desenterrou estava dragando pedras da baía para construir uma parede.

-Como o tirou você fora do país?- exclamou Taylor.

-O granjeiro chamou o procurador de uma pequena empresa de antiguidades no Edimburgo que por coincidência me devia um favor.

Taylor não pressionou para obter mais informação. O tráfico de relíquias que não tinham preço às coleções privadas o enfurecia, mas não serviria a nenhum propósito incomodar ao Steinmann antes de que ele tivesse sua oportunidade para estudar o cofre. Taylor estava obcecado com todas as coisas celtas, e quando Steinmann o tinha chamado para discutir sobre uma estranha peça medieval, Taylor logo que tinha podido ocultar seu interesse. Revelá-lo só daria ao Steinmann meios para manipulá-lo, e qualquer classe de poder em mãos do diretor era uma coisa perigosa.

-Moça idiota- murmurou Steinmann quando entraram em asa-. Pode ver isso? Deixou as luzes acesas de novo-. Uma magra linha de luz brilhava sob sua porta do escritório.

Lisa despertou abruptamente, desconcertada de onde estava ou o que a tinha despertado. Então ouviu as vozes de homens no vestíbulo, fora do escritório.

Imediatamente, Lisa se ergueu sobre seus pés e lançou um olhar de pânico a seu relógio. Eram as 5:20 da manhã! Perderia seu trabalho! Instintivamente se deixou cair ao chão e se golpeou a têmpora com a esquina do escritório no processo. Fazendo uma careta de dor, arrastou-se sob o escritório quando ouviu uma chave na fechadura, seguida pela voz do Steinmann:

-É impossível conseguir ajuda decente. Essa inútil moça nem sequer fechou com chave. Tudo o que tinha que fazer era apertar o botão. Inclusive um menino poderia fazê-lo.

Lisa se aconchegou em uma bola silenciosa quando os homens entraram no escritório. Embora as pisadas soaram apagadas pelo espesso tapete Berber, ouviu-lhes aproximar-se do escritório.

-Aqui está- os sapatos pulcramente brilhantes do Steinmann se detiveram polegadas de seus joelhos. Lisa se controlou para respirar precavida, diminutamente, e levou seus joelhos mais atrás. Aos sapatos do Steinmann lhe uniram um par de mocasines adornados com borlas de barro da recente chuva. Custou-lhe cada onça de sua força de vontade não estender a mão e retirar os ofensivos pedaços de grama do tapete.

-Que detalhe assombroso. É bonito-. A segunda voz era apagada.

-A que o é? -Steinmann estava de acordo.

-Espere um minuto, Steinmann. Onde disse você que este cofre foi encontrado?

-Sob uma compressão de pedras perto de uma ribeira em Escócia.

-Isso não tem nenhum sentido. Como permaneceria intacto pelos elementos? O ébano é uma madeira resistente, mas cedo ou tarde se deteriora. Este cofre está como novo. Não foi datado ainda?

-Não, mas minha fonte no Edimburgo pode responder por ele. Pode abri-lo, Taylor? -disse Steinmann.

Havia um sussurro mais que um ruído. Um suave murmúrio

-me permita ver... Como trabalharia você com seu encantado pequeno mistério?

Sob o escritório, Lisa se atreveu a respirar quando se aconteceu um silêncio prolongado.

-Possivelmente aqui? -disse Taylor finalmente-. Possivelmente levantando este pequeno quadrado... Ah, tenho-o! Vi isto antes. É um fecho de pressão-. O cofre fez um débil som de estalo-. Foi selado hermeticamente- observou-. Olhe isto, Steinmann. Não é este um inteligente mecanismo de fechos? E vê você a resina gomosa que sela as ranhuras internas da madeira, onde teriam que ir os pregos? Não se pergunta você como nossos antepassados puderam criar esta classe de destros dispositivos? Algumas das coisas que vi desafiam...

-Mova o tecido e vejamos o que está baixo ela, Taylor- cortou-o Steinmann com impaciência.

-Mas o tecido se pode desintegrar se a tocamos- protestou Taylor.

-Não chegamos tão longe para ir sem descobrir o que está no cofre- Steinmann tirou uma foto-. Mova o tecido.

Lisa dominou o impulso de sair de debaixo o escritório, a curiosidade tratando de vencer seu sentido comum e quase ao mesmo instinto de conservação.

Houve uma larga pausa.

-E bem? O que é? perguntou Steinmann.

-Não tenho nem idéia- disse Taylor devagar-. Não traduzi contos disto nem vi esboços em minhas investigações. Não parece o bastante medieval, não é certo? Quase parece... por que será... do futuro- disse ele inquieto-. Francamente, estou confuso. O cofre é original, e a malha é antiga, e isto -ele gesticulou assinalando a garrafa- é condenadamente único.

-Possivelmente não é tão perito como me fez acreditar, Taylor.

-Ninguém sabe mais dos Galos e Pictos que eu- respondeu ele tiesamente-. Mas alguns artefatos simplesmente não se mencionam em certos arquivos. O asseguro, encontrarei as respostas.

-E terá que examiná-lo?- disse Steinmann.

-Levarei-o agora comigo.

-Não. Chamarei-o quando estivermos preparados para cedê-lo.

Houve uma pausa então.

-Planeja convidar a alguém mais para examiná-lo?- disse Taylor-. Você questiona minha habilidade.

-Preciso catalogá-lo, simplesmente, fotografá-lo e anotá-lo em nossos arquivos.

-E o anotou na coleção de alguém mais?- disse Taylor inescrutavelmente.

-Deixe-o, Taylor-. Steinmann fechou seus dedos ao redor da boneca do Taylor que sustentava as pinças e guardou a garrafa sob o tecido. Soltou a mão do Taylor, fechou o cofre, e pôs as pinças um lado-. Eu o traga aqui. Eu lhe direi o que necessito de você e quando. E lhe aconselharia que partisse agora mesmo.

-Está bem- Taylor tirou uma foto-, mas quando descobrir que ninguém mais sabe o que é, voltará a me chamar. Você não pode mover um artefato que não pode identificar-se. Sou o único que pode rastrear esta coisa e você sabe.

Steinmann riu.

-Acompanharei-o à saída.

-Posso encontrar meu próprio caminho.

-Mas estarei mais tranqüilo sabendo que eu o escoltei- disse Steinmann brandamente-. Não deixaria a semelhante adorador de antiguidades, apaixonado como você, vagando no museu a seu gosto.

Os sapatos se retiraram com passos apagados pelo tapete. O click de uma chave na fechadura produziu um efeito desagradável na Lisa. Maldição e duplamente maldição! Normalmente quando ela saía, oprimia o fecho do botão na porta que, como uma humilde faxineira que era, fechava com chave. Steinmann tinha desviado o fecho e realmente tinha usado uma chave para fechar. Ela saiu de um puxão e se golpeou a cabeça contra a parte inferior do escritório.

-Ow!- exclamou brandamente. Quando se agarrou do bordo e se parou direita, fez uma pausa para olhar o cofre.

Fascinada, tocou a madeira fresca. Belamente gravada, a madeira negra brilhou sob a suave luz. Letras escuras se alinhavam enegrecidas no alto, em furiosos, enviesados rasgos. O que era o que continha o cofre para deixar perplexos a dois sofisticados fornecedores de antiguidades? Apesar de que estava encerrada com chave no escritório do Steinmann e não tinha nenhuma dúvida de que ele voltaria em alguns momentos, foi consumida outra vez pela curiosidade. Do futuro? Cautelosamente, ela passou os dedos em cima do cofre e procurou o quadrado, o fecho de pressão que eles tinham mencionado, e então fez uma pausa. As letras estranhas na tampa quase pareciam... palpitou. Um calafrio de pressentimento percorreu seu espinho.

Galinha tola, abre-o! Não pode te ferir. Eles o tocaram.

Resolvida, encontrou o quadrado e o oprimiu com seu dedo polegar. A tampa girou para cima com o débil som de estalo que tinha ouvido antes. Uma garrafa descansava dentro, rodeada por farrapos poeirentos de tecido antigo. A garrafa era feita de um metal cor de prata e parecia brilhar fracamente, como se seu conteúdo estivesse cheio de energia. Lançou um olhar nervoso para a porta. Sabia tinha que sair do escritório antes de que Steinmann retornasse, mas se sentia estranhamente atraída pela garrafa. Seus olhos foram da porta à garrafa e fizeram o mesmo caminho de novo, mas a garrafa a chamava. Dizia: me toque, no mesmo tom que todos os artefatos no museu falavam com a Lisa. me toque enquanto nenhum guarda esteja presente, e eu te contarei minha história e minhas lendas. Eu sou o conhecimento...

As gemas dos dedos da Lisa se deslizaram ao redor da garrafa.

O mundo trocou de eixo sob seus pés. Ela tropeçou, e de repente ela...

Não podia...

Deter-se...

Caía...

CAPÍTULO 2

Dunnottar, Escócia, 1314.

A água salpicou as pernas da calça vaqueira da Lisa pela segunda vez esse dia quando o homem saiu da tina. Ele se ergueu por cima dela, seus lábios estirados sobre seus dentes em um grunhido.

Lisa piscou incrédulamente. Uma vez. Duas vezes. E uma terceira vez muito devagar, dando tempo à aparição para evaporar-se.

Não o fez.

O gigante nu permanecia ali, sua expressão feroz e firme, seus olhos entrecerrados. Que demônios lhe tinha passado ao escritório do Steinmann? Ele não a despediria, já que se a encontrasse com um homem nu diretamente foram prendê-la!

Lisa fechou os olhos e moveu seus pés, determinando cautamente que o mundo era de novo sólido sob suas botas. Só quando se convenceu firmemente de que estava de pé no escritório do Steinmann sustentando uma garrafa medieval, voltou a abri-los.

Não estava no escritório do Steinmann.

Conteve a respiração depois de uma grande exalação de assombro quando olhou -realmente olhou- ao homem. As gotas de água brilhavam em sua pele. As chamas saltavam no lar atrás dele, bronzeando e escurecendo as ondulações de seus músculos. Era o homem mais alto que ela tivesse visto nunca, mas seu tamanho não se limitava a sua altura impressionante. Seus ombros eram maciços, e seu assomo largo se emagrecia para a cintura, o abdômen musculoso, os quadris firmes e as pernas largas, poderosas.

E estava nu.

Ela expeliu um suspiro de protesto. Ele não podia ser real. E porque não podia ser real, não fazia danifico deixando vagar seu olhar para dar rápida conta de sua perfeição. Um homem inteiramente proporcionado, que realmente não existia, estava de pé, nu ante ela. Não olharia qualquer saudável mulher de vinte e três anos? E ela olhou.

Isso o confirmou definitivamente. Ele não poderia ser real. Com as bochechas ardendo, ela apartou o olhar e vacilou, dando um passo para trás.

Ele rugiu algo em um idioma que ela não entendeu.

Dirigindo um olhar a sua face, a moça se encolheu de ombros desamparadamente, incapaz de compreender e dar sentido a essa situação.

Ele bramou de novo e gesticulou enojadamente. Falou em um arroyo de palavras durante vários minutos, agitando seus braços e olhando-a carrancudo.

Ela o olhou, boquiaberta, sua confusão afundando-se. Não ajudava que o homem parecesse ter esquecido o desconcertante feito de estar gloriosamente nu. A jovem encontrou sua língua e, com algumas dificuldades, pôde começar a movê-la.

-Sinto muito, mas não o entendo. Não tenho nem a menor ideia do que está dizendo.

Ele retrocedeu como se ela o tivesse golpeado; seus olhos escuros se entrecerraram ainda mais e franziu o cenho. Se ela pensava que ele estava zangado antes, era só porque não o tinha visto ainda verdadeiramente furioso.

-É inglesa!- espetou-lhe ele, trocando rapidamente ao inglês, embora com um acento espesso, fechado.

Lisa estendeu as mãos como dizendo E com isso que? Qual era seu ponto, e por que estava tão zangado com ela?

-Não te mova!- rugiu ele.

Ela permaneceu imóvel, catalogando-o como se fora uma das recentes aquisições do museu, absorvendo a incrível longitude e largura de seu corpo. O homem desprendia tal intensa sexualidade que as fantasias de um guerreiro selvagem, não reconhecidas jamais como próprias, estremeceram-se através de sua memória. O perigo que emanava dele era temível e sedutor de uma vez. Está sonhando, recorda? Dormiu e só sonhou que despertava e Steinmann chegava. Mas ainda está dormida e nada disto realmente está passando.

Apenas o notou quando o homem alcançou a arma apoiada contra a tina. Sua mente registrou com escura diversão que a invenção de sua imaginação se completava com uma espada vingadora. Até que, com um movimento elegante de sua boneca, ele apontou a arma mortal para ela.

Era seu sonho, recordou-se a moça. Simplesmente ignoraria a espada. Os sonhos eram zonas sem restrições. Se não podia ter um noivo na vida real, pelo menos poderia saborear essa experiência virtual. Sorrindo, a jovem estendeu uma mão para tocar seu abdômen -certamente esculpido por inteiro do material com que se fazem os sonhos- e a ponta da espada roçou sua mandíbula e obrigou a seus olhos a encontrar-se com os dele. Uma moça deveria usar um pescoço ortopédico depois de olhar essa altura muito tempo, decidiu.

-Não pense em me distrair de meu propósito- grunhiu ele.

-Que propósito?- perguntou ela e se sentiu conter a respiração.

Nesse momento, a porta se abriu com estrépito. Um segundo homem, de cabelo escuro e vestido com um envoltório estranho de tecido, entrou abruptamente no quarto.

-Algo que seja, não tenho tempo agora para isso, Galan!- disse ao homem que sustentava a folha em seu pescoço.

O outro homem parecia pasmado ante a visão da Lisa.

-Ouvimo-lhe rugir da cozinha, Cin.

-Pecado? - Lisa ecoou de seu nome com incredulidade. OH sim, ele era definitivamente um pecado. Qualquer homem como esse devia ser puro pecado.

-Sal daqui!- trovejou Circenn.

Galan duvidou um momento; então, com relutância, retirou-se do quarto e fechou a porta.

Quando o olhar da Lisa se voltou para Pecado, ela olhava de novo para baixo, para sua tão improvável dotação.

-Deixa de olhar ali, mulher!

Seus olhos se elevaram para os seus.

-Ninguém pode ser como você. E ninguém fala como você, exceto possivelmente Sejam Connery no Highlander. Vê? É a prova definitiva de que estou sonhando. É uma invenção de meu stress, de minha insônia, de minha mente traumatizada-. Ela assentiu firmemente com a cabeça.

-Asseguro-lhe isso, certamente não sou um sonho.

-OH, por favor-. Ela rodou seus olhos. Fechou-os. Abriu-os. Ele ainda seguia ali-. Estava eu no museu e agora estou em uma quarto com um homem nu chamado Pecado? Quão parva pensa que sou?

-Circenn. Cir-cin- ele repetiu-. Só meus guerreiros mais próximos me chamam Cin.

-Não pode ser real.

Ele tinha uns preguiçosos, borrascosos olhos, tão escuros que pareciam realçados pelo Kohl. Seu nariz era forte, arrogante. Seus dentes -e Deus sabia que ela lhes estava jogando um bom olhar com todos quão grunhidos ele estava dando- eram retos e o bastante brancos para fazer a seu dentista chorar de inveja. Sua frente era alta, e uma juba de cabelo da cor da meia-noite caía sobre seus ombros. Embora nenhum de seus rasgos era material para os modelos atuais, salvo seus lábios sensuais, o efeito global era de um rosto grosseiramente belo. Um Senhor da Guerra eram as palavras que iam a sua língua.

A ponta da espada raspou a suave parte inferior de seu queixo. Quando ela sentiu uma gota de umidade no pescoço, assombrou-se pela verossimilhança de seu sonho. Passou os dedos em cima da mancha, e então olhou fixamente e com assombro a gota de sangue.

-Sangra um em um sonho? Eu nunca sangrei em um sonho antes- murmurou.

Ele deu um pequeno golpe à boina de beisebol, tirando-a tão rapidamente de sua cabeça que a assustou. Ela não tinha vislumbrado o movimento de sua mão sequer. O cabelo lhe caiu em cima dos ombros, e ela tratou de apanhar a boina, só para encontrar-se com que era muito baixa para alcançar a ponta da espada. Sua cabeça alcançava apenas seu assumo.

-me dê minha boina- exigiu-. Meu pai me deu isso.

Ele o considerou em silêncio.

-É tudo o que tenho dele, e ele está morto!- disse ela acaloradamente.

Tinha havido uma piscada de compaixão em seus olhos escuros?

Lhe devolveu a boina sem uma palavra.

-Obrigado- disse ela sobriamente, dobrando-a e guardando-a no bolso da parte de atrás de suas calças jeans. Seu olhar baixou ao chão enquanto ponderava a espada em sua garganta. Se fosse um sonho, ela podia fazer que as coisas passassem. Ou não passassem. Apertando seus olhos fechados, desejou que a espada desaparecesse, mas ao tragar apertadamente sentiu como o metal frio mordida seu pescoço. Logo, desejou que o homem desaparecesse; concedeu-se cortesmente que não o fizessem nem a tina nem o fogo.

Abrindo os olhos, a jovem encontrou ao homem ainda elevando-se por cima dela.

-me dê a garrafa, garota.

As sobancelhas da Lisa se elevaram.

-A garrafa? Isto é parte do sonho? Vê isso?

-É obvio que o faço! Estou deslumbrado por sua beleza, mas entretanto não sou estúpido!

Deslumbrado por minha beleza? Assombrada, lhe entregou a garrafa.

-Quem é?- demandou ele.

Lisa procurou refúgio na formalidade; tinha-lhe servido bem no passado, como uma bússola através de território desconhecido, e esse sonho certamente poderia ser qualificado como território desconhecido. Nunca antes tinha sonhado tão lucidamente que os elementos de seu sonho estavam fora de seu controle, nem seu subconsciente tinha conjurado antes a um homem como esse. Tivesse querido saber de que esquina pré-histórica de sua alma tinha chegado esse leviatã.

-Incomodaria-te te vestir? Seu... er... estado de, uh... nudez não conduz a uma discussão seria. Se pusesse um pouco de roupa e soltasse sua espada, estou segura de que poderíamos pôr as coisas em ordem-. Desejou que ele encontrasse persuasiva a nota de otimismo em sua voz.

Ele franziu o cenho quando se olhou a si mesmo. Lisa poderia jurar que a cor em sua face se acentuava quando comprovou sua estado de excitação.

-Que esperas de mim quando está vestida dessa maneira?- respondeu ele-. Sou um homem.

Como se eu tivesse alguma dúvida disso, pensou a jovem ironicamente. Um sonho de homem, nada menos.

Tomando uma manta tecida de vermelho e negro, ele a jogou por cima dos ombros para cobrir com roupa o fronte de seu corpo. Agarrou uma bolsa pequena, guardou nela a garrafa, e finalmente baixou sua espada.

Lisa se relaxou e avançou uns passos, mas ao fazê-lo-a boina caiu do bolso; deu-se a volta e se inclinou para recuperá-la. Voltando-se para enfrentá-lo, encontrou seu olhar fixo no lugar onde seu traseiro, ajustado firmemente dentro da calça vaqueira, tinha estado só um momento antes. Emudecida pela prova de que tinha estado olhando seu derrièr, ela jogou um olhar ao tecido com a que ele se envolto, e então cautamente a sua face. Seus olhos escuros ardiavam sem chama. Ela teve o súbito pressentimento de que em qualquer lugar que estivesse, as mulheres normalmente não levavam calças jeans. Possivelmente inclusive nem sequer levassem calças.

Sua mandíbula se esticou e sua respiração se agitou notoriamente. Ele olhou cada polegada dela, como um ave rapace que se balançasse na vigilância que precede à morte das alturas.

-É tudo o que tenho!- disse ela defensivamente.

Ele levantou suas mãos em um gesto conciliatório.

-Não desejo discuti-lo, garota. Não agora. Possivelmente nunca.

olharam-se, medindo-se em silêncio. Então, por alguma razão que ela não poderia definir, atraída por uma força além de sua possibilidade de resistir, encontrou-se aproximando-se dele. Foi ele quem caminha esta vez para trás. Com um veloz movimento de músculos, saiu do quarto.

No momento que a porta se fechou, as pernas da Lisa cederam e ela se derrubou sobre seus joelhos, seu coração golpeando dolorosamente no assumo. O som familiar de metal que vinha da porta lhe disse que se encontrava encerrada com chave uma vez mais. Santo Deus, ela tinha que despertar.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

